

**Rendimento
cerceado**

Bancos já estudam limitar os depósitos nas cadernetas de poupança. Página 10

Carro popular

Razelli, da Fiat, anunciou o lançamento do Mille EX, o carro mais barato do País. Página 15



E & NEGÓCIOS Economia

SÁBADO, 8 DE NOVEMBRO DE 1997

Ajuste será 'duro' e trará aumento de impostos

Fernando Henrique diz que medidas serão anunciadas por Malan na segunda-feira

EDSON LUIZ
e PEDRO LUIZ RODRIGUES

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem em Cartagena, na Colômbia, que o Brasil precisa de "um ajuste fiscal mais duro" e advertiu os políticos governistas para a necessidade de apoiar as medidas que serão anunciadas segunda-feira pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan. "Não se tenha ilusões: nós precisamos, no caso do Brasil, de um ajuste fiscal mais duro e esse ajuste virá." Aos políticos aliados, que se preocupam com o prejuízo eleitoral do ajuste, mandou um recado: "Os deputados que se opuserem a isso são contra mim, são contra o governo."

O conjunto de medidas fiscais que o governo vai anunciar será "audacioso em seu conteúdo e cuidadoso na sua forma" e incluirá aumento de arrecadação por meio de impostos, disse ao Estado o ministro do Planejamento, Antônio Kandir. Ele antecipou que prioridade será dada ao corte de despesas do governo, principalmente as de custeio, mas, em menor proporção, os investimentos.

Kandir reconhece que as medidas fiscais, se somadas ao recente aumento das taxas de juros, atuarão no sentido de produzir efeito contracionista na economia. Mas, segundo ele, o governo buscará contrarrestar essa tendência com o estímulo a setores que garantam a manutenção da atividade e do emprego no setor privado e, ao mesmo tempo, não afetem as contas externas. Entre esses setores, Kandir enumerou habitação, agricultura, bens de capital e exportações.

Fernando Henrique reagiu com surpresa à notícia de que o PSDB

teria fechado questão contra o pacote fiscal. "Isso seria um paradoxo", afirmou o presidente. "Como fechar questão sobre matéria que não se sabe qual é." De fato, o partido decidiu apenas votar contra o Imposto sobre Combustíveis, mas seus líderes resistem a iniciativas que representem mais impostos.

Perguntado sobre a elevação da alíquota da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) de 0,2% para 0,25% e do aumento do Imposto de Renda das empresas, o presidente desconversou. "Os termos e itens mencionados podem ter sido eventualmente citados por alguém, mas não foram aprovados por mim ainda", afirmou. "Isso tudo vai depender da minha aprovação."

Para Fernando Henrique, quem for contra a proteção do real estará sendo contra ele e o governo. "Alguns levantam essa questão eleitoral,

mas o eleitorado não é ignorante, é um eleitorado que acompanha, que sabe, que espera que seus dirigentes, em vários níveis, tomem as decisões pertinentes para o momento", ressaltou o presidente, acrescentando: "Eu não terei dúvida nenhuma que se houver resistência a alguma medida necessária, eu vou lutar para que essa medida

seja vitoriosa até o fim".

Ele confia que os desdobramentos da crise vão se impor até sobre os deputados que exigem ser atendidos em seus pedidos de emendas individuais no Orçamento, em troca de apoio ao governo. "Se, na Comissão de Orçamento, alguns deputados acaham que não querem cooperar nisso ou naquilo, e sempre há os que acham isso ou aquilo, mas a realidade se impõe, as realidades se imporão", afirmou. "Eu acho que nessa hora não há consideração outra senão a defesa do interesse da população, do povo e do País."



PACOTE TERÁ
INCENTIVOS
PARA ALGUNS
SETORES



Associated Press

Fernando Henrique: 'precisamos de um ajuste fiscal mais duro'